

## BACHELARD TELÚRICO – UMA LEITURA À LUZ DOS DEVANEIOS DO REPOUSO<sup>1</sup>

GRATÃO, Lúcia Helena  
Universidade Estadual de Londrina – UEL  
[lugrtao@uel.br](mailto:lugrtao@uel.br)

### ESCRITA TELÚRICA À LUZ DOS DEVANEIOS DO REPOUSO

À luz dos devaneios do repouso trago para esta sessão a leitura de Bachelard procurando desvendar o telúrico que se encontra na sua *imaginação material*. Esta que aparece nos Quatro Elementos e que passa a seduzir e conduzir nosso olhar pelo instigante campo de referência para a leitura de obras filosóficas e literárias. Como diz Felicio (1994, p.xii), não enquanto uma preocupação com os autores, mas uma análise que está voltada para os Elementos que os definem, muito embora esses Elementos, que funcionam como “arquetipos” ou “imagens-princípios”, não sejam vistos enquanto elementos realmente existentes, mas somente enquanto trabalhados pelo onirismo que resulta na “*rêverie poética*”.

O deslumbramento desta leitura parte da vontade de explorar pelo campo da geografia uma via que possa conduzir à reflexão a base telúrica que se funda na geografia fenomenológica. Como inscrita na proposta, mesmo que a mais profunda obra de uma ontologia geográfica tenha sido publicada em 1952, ela permanece até hoje sem produzir a reflexão e os frutos correspondentes à sua envergadura. Trata-se da obra de Eric Dardel, *L’homme et la terre: nature de la réalité géographique* que lançou bases sólidas para uma geografia fenomenológica. Bases sólidas para uma geografia fenomenológica que aqui, em (con)texto, envolvem e incorporam o telurismo enraizado na geograficidade (*géographicité*) postulada por Dardel (1952), expressa e impressa no imaginário dos Elementos. Os Quatro Elementos não se apresentam como uma lógica externa e mecanicista, mas como fornecedores de um diagrama para a leitura dos textos filosóficos e literários, de sorte que são indispensáveis para a compreensão das obras e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Espaço de Socialização de Coletivos “Perspectivas fenomenológicas da geosofia”, durante o XVI Encontro Nacional de Geógrafos, realizado em Porto Alegre, Julho 2010.

de seus autores (FELICIO, 1994, p. xiii). Ou na expressão e impressão da paisagem enquanto manifestação do movimento interno do mundo (DARDEL, 1952).

Afirmando que “*le paysage n’est pas dans son essence, fait pour être regardé*” (p. 44), Dardel “*veut d’abord indiquer que le paysage constitue une totalité propre qui répond à l’insertion de l’homme dans de le monde. C’est par le paysage que l’être humain prend conscience du fait qu’il **habite** la Terre*”(BESSE, 1990, p. 146). A paisagem “*met en cause la totalité de l’être humain, ses attachés existentielles avec la Terre, ou, si l’on veut, sa géographicit  originalle: la Terre comme lieu, base et moyen de sa réalisation*” (DARDEL, 1952, p. 42). Habitar e existir!

*Tout homme a son pays et sa perspective terrestre propre. Détresse de l’exile, du déporté,   qui sont retirées les bases concrètes et propres de son être; il lui reste quantité d’ “objets”: des arbres, des collines, des maisons; mais c’est sa subjectivité même qui est blessée, et toutes les “raisons” ne peuvent lui rendre la valeur perdue de ces “objets”, faute de pouvoir les “poser”   partir d’un support.*” (DARDEL, 1952, p. 56-57)

A leitura de Bachelard aos olhos do imaginário telúrico   um caminho que nos leva não são a desvelar a contribui o do filósofo para esta abordagem geográfica, mas, especialmente, uma escava o do telúrico também no universo terreno (*tellus; tellure*) da geografia. Para se chegar a esta escava o terrena percorremos as páginas de uma das obras substanciais do filósofo francês que se dedicou aos Quatro Elementos pela via da Imagina o Material. Esta obra visceral de telurismo material   “A Terra e os Devaneios do Repouso”, publicada originalmente em 1948 e traz como título original “*La Terre et les Reveries du Repos*” e que são foi traduzida no Brasil em 1990.

Antes de iniciar a leitura de Bachelard consulto Felicio, que estudando “A imagina o simbólica nos quatro elementos bachelardianos” aponta que sua proposta (de Bachelard)   afastar uma “filosofia de filósofos”, isto  , uma filosofia abstrata que deixa de lado a diferença ou a distin o entre as práticas científicas. Ao mesmo tempo, o que está em jogo nesta proposta   a inten o de destruir as categorias de sujeito/objeto e continuidade/descontinuidade. “O “novo espírito científico” que Bachelard propõe exige uma reformula o da suposta rela o de continuidade entre a ciência e a experiência, suposi o nascida da admissão de que as condi oes de possibilidade da experiência e da ciência são as mesmas” (FELICIO, 1994, p. xi). Aponta ainda, que Bachelard está preocupado também com uma prática não-discursiva, com a poética e não somente com a epistemologia, e tal preocupa o merece ser estudada. O aspecto de obstáculo e de tenacidade torna a Imagina o um tema que não pode ser negligenciado,

porque percorre a problemática científica e poética. Compreendemos, então, porque Bachelard vai se dedicar a ela e, ao procurar entendê-la em seu interior e em seu funcionamento, chega a uma teoria da *Imaginação Material*. “É esta que aparece nos Quatro Elementos e que passa a fornecer um quadro para a leitura das obras filosóficas e literárias” (FELICIO, 1994, p. xii).

Os Quatro Elementos – Água, Ar, Terra e Fogo – apresentam-se como uma síntese entre a epistemologia e a poética bachelardianas. E aqui, podemos conferir que há sim, um número pequeno, mas crescente e produtivo, de filósofos que têm se ocupado em pensar a geografia e suas questões do ponto de vista da filosofia, assim como geógrafos que têm enfrentado tais espinhosas questões, mas que muito embora, tenham se deixados tocar pelo onirismo que resulta na “*rêverie poétique*”. Onirismo telúrico!?

#### TERRA – ATRAÇÃO E APELO – ACOLHE E RESISTE!

Bachelard assim escreve as primeiras linhas do Prefácio da sua obra “A Terra e os Devaneios do Repouso”:

Começamos o estudo da imaginação material do elemento *terrestre* em um livro que acabou de ser publicado: *A terra e os devaneios da vontade*. Nele estudamos, sobretudo, as impressões dinâmicas ou, mais exatamente, as solicitações dinâmicas que se ativam em nós quando formamos as imagens das substâncias terrestres. Com efeito, parece que as matérias terrestres, assim que as pegamos com a mão curiosa e corajosa, excitam em nós a vontade de trabalhá-las. Acreditamos portanto poder falar de uma *imaginação ativista*, e demos inúmeros exemplos de uma vontade que sonha e que, ao sonhar, dá um futuro à sua ação. (BACHELARD, 1990, p. 1).

Neste livro trata das imagens da profundidade. Anuncia o telúrico do “interior” da Champagne francesa:

Mas as imagens da profundidade não têm somente essa marca de hostilidade; têm também **aspectos acolhedores**, aspectos **convidativos**; e toda uma dinâmica de **atração**, de **apelo** um tanto imobilizado pelas grandes **forças terrestres de resistência** (*grifo meu*). Nosso primeiro estudo da imaginação terrestre, escrito sob o signo da preposição *contra*, deve pois ser completado por um estudo das imagens que estão sob o signo da preposição *dentro*. (BACHELARD, 1990, p. 2)

Neste interior telúrico revela um “ato de celebração aos mistérios familiares que se designam em raros símbolos...” (GRATÃO, 2002, p. 3)

Foi perto da água e nas suas flores que melhor compreendi ser o devaneio um universo em emanção, um alento odorante que se exala das coisas pela mediação de um sonhador. Se quero estudar a vida das imagens da água, preciso, portanto, devolver ao rio e às fontes de minha terra seu papel principal ... Nasci numa região de riachos e rios, num

canto da Champagne, povoado de várzeas, no Vallage. (Bachelard, 1989, p. 8)

E mais enraizado a Terra (solo), Bachelard consagra à sua imaginação telúrica:

A terra natal é menos uma extensão do que uma matéria. É nela que materializamos os nossos devaneios; é por ela que nosso sonho adquire sua exata substância; é a ela que pedimos nossa cor fundamental. Sonhando perto do rio, consagrei minha imaginação à água... Não posso sentar perto de um riacho sem cair num devaneio profundo sem rever a minha ventura... não é preciso que seja o riacho da nossa casa, a água da nossa casa. A água autônoma sabe todos os segredos. A mesma lembrança sai de todas as fontes. (Bachelard, 1989, p. 9)

Diante deste telurismo bachelardiano, Gratão (2002, p. 3) se põe anunciando: “A minha paisagem não é a de Gaston Bachelard. O meu imaginário brota dos trópicos. País Tropical! Brasil! Planalto Central! Sertão! Cerrado! Berço das Águas... Nasci em terras araguaianas de ipês amarelos, pequi, cocais, buriti... araras e tucanos... rios de duas estações... de cheias... &... vazantes...” (GRATÃO, 2002, p. 3).

À luz da leitura deste estudo das imagens que estão sob o signo da preposição *dentro*, (en)volta da dinâmica de atração, de apelo um tanto imobilizado pelas grandes forças terrestres de resistência nos conduz e nos anima enquanto geógrafos, a se enveredar na compreensão fenomenológica de nossa ciência, aprofundando em suas matrizes para discutirmos as implicações, conseqüências, virtudes e limitações de uma abordagem fenomenológica em Geografia. Esta abordagem pode interessar a todo o pensamento geográfico, mas certamente, é no leito dos estudos humanistas que ela encontra maior ressonância ou deleite. É por esta corrente que discorre o tema a que se contempla procurando aprofundar, adentrando (*dentro*) pela perspectiva sedutora e acolhedora do diálogo da fenomenologia nos estudos geográficos.

No interior d’“A Terra e os devaneios do repouso” está subscrito o *dentro* (repouso). A casa natal, a casa onírica. Isso é maravilhoso no campo da geografia enquanto enraizamento e pertencimento! Ligando-se ao lugar pelo espaço telúrico de Dardel. Uma relação telúrica! Geograficidade! “*Amour du sol natal ou recherche du dépaysement, une relation concrète se noue entre l’homme et la Terre, une géographicit  de l’homme comme mode de son existence et de son destin*”(DARDEL, 1952, p. 1-2). Sim, relação telúrica, reencontro na dimensão da realidade geográfica. “*La géographie n’est donc pas primordialmente une science, même si elle se prolonge en un savoir. Elle est une expérience, mieux: un choc sensible, une rencontre de l’Etre*

(DARDEL, 1990, p. 48) *qui retent en l'homme comme une évocation inoubliable de sa destine, et lui donne sa couleur*" (BESSE, 1990, p. 141). Um desvendar do imaginário telúrico em Bachelard buscando aproximação de diálogo com *l'espace tellurique* de Dardel. Quer mais telurismo que este no encontro de dois fenomenologistas? De um lado, focando a Terra pela imaginação material e de outro, ligando-se à Terra enquanto espaço geográfico-material-telúrico. Deste encontro só pode brotar uma essência poética-telúrica-geográfica.

O espaço geográfico é como o prolongamento de uma série de devaneios da matéria, porque a materialidade terrestre não está fechada nela mesma, na indiferença simples de uma pura facticidade, porque ela é fundamentalmente *fisionomia*, porque ela manifesta direções de sentidos numa consciência própria, em suma, porque ela excede sua pura facticidade e se apresenta irredutivelmente carregada de qualidades (BESSE, 2006, p. 89).

Segundo Dardel, certos fenômenos naturais como a água, a sombra das nuvens ou a cor, permitem ao ser humano provar direta e visualmente esta potência de irrealização ou de surrealização que está presente na matéria terrestre. É a água que, pelos reflexos que ela distribui na superfície do mundo, permite à matéria se prolongar além dela mesma em imagens, como se houvesse uma espécie de luxo ou de glória do visível. Ou ainda é a cor, que é uma espécie de "derramamento de realidades para fora delas mesmas", e que revela a natureza das coisas sem a mediação do conhecimento, diz ele. É preciso insistir que a geografia, entendida fenomenologicamente, não está à procura de significações ocultas por *detrás* dos fenômenos terrestres, ela não é tampouco o simples levantamento de significações que o sujeito projeta sobre a Terra, mas ela é uma experiência da vida vivida pelo homem comum no encontro consigo mesmo, no contato com o mundo terrestre na orla, por assim dizer, das formas e dos símbolos que nascem, e este esboço de sentido ressoa em nós como um acontecimento, que é o da nossa presença no mundo, diz Besse. "A geografia não nos ensina nada do mundo terrestre se nós não percebermos antes que ele é o *meio* do sentido" (BESSE, 2006, p. 89).

O espaço geográfico aparece para Dardel "essencialmente qualificado numa situação concreta que afeta o homem" (p. 12) "e as significações espaciais mais elementares, tais como a distância, o afastamento, a posição, a direção, dependem menos de escolhas ou representações subjetivas, sendo reveladas ao homem no **seu encontro com a Terra num lugar preciso**" (BESSE, 2006, p. 90 - grifo meu). Aqui, me reporto à paisagem com transcrição de Besse (2006, p. 91-92) onde afirma:

Se de fato a paisagem reúne, como diz Dardel, todos os elementos geográficos (segundo o sentido que concedemos precedentemente à palavra elemento); se a paisagem é, como ele ainda diz, a face local da Terra com suas distâncias e suas direções”; se, mais globalmente, a paisagem diz respeito a uma certa visibilidade da Terra, não é menos verdade, acrescenta ele, que a paisagem não é *primeiro* um *espetáculo*, ela não é “na sua essência, feita para ser olhada” (DARDEL, 1990, p. 44). Na verdade, ela só é geográfica, diz Dardel, “pelos seus prolongamentos, pelo plano de fundo real ou imaginário que o espaço abre além do olhar”.

Ainda, segundo Besse, antes então da instituição de qualquer experiência visual, antes de qualquer espetáculo, e dando ao espetáculo sua verdadeira dimensão, a paisagem é *expressão*, e, mais precisamente, expressão da existência. Ela é portadora de um sentido, porque ela é a marca espacial do encontro entre a Terra e o projeto humano. “A paisagem é essencialmente mais *mundo* do que *natureza*, ela é o mundo humano, a *cultura* como **encontro da liberdade humana com o lugar** do seu desenvolvimento: a **Terra**”. (BESSE, 2006, p. 92 - grifo meu). A Terra do geógrafo não é um planeta, mas, para retomar a expressão de Husserl, o *solo* da experiência, ou para retomar aquela de Levinas, que Dardel cita, a *base* da existência humana.

Nesta dimensão do **encontro** estabelece a ligação telúrica com as imagens materializadas da imaginação “terrestre”; no enraizamento das imagens da *terra*. “Com a substância da terra, a matéria traz tantas experiências positivas, a forma é tão manifesta, tão evidente, tão real, que não se vê claramente como se pode dar corpo a devaneios relativos à intimidade da matéria” (BACHELARD, 1990 a, p. 2). A imaginação da matéria *terrestre* é a essência que anima e substancia este nosso debate. Duas obras se completam sobre a imaginação terrestre “A Terra e os Devaneios da Vontade” com subtítulo “Ensaio sobre a imaginação das forças” (1990 a) e “A Terra e os Devaneios do Repouso” com subtítulo “Ensaio sobre as imagens da intimidade” (1990 b). Escreve Bachelard:

Na evolução dessa pesquisa encontramos o sinal bastante nítido dos dois movimentos tão claramente distinguidos pela psicanálise: a extroversão e a introversão; de forma que no primeiro livro a imaginação aparece antes como extrovertida, e no segundo como introvertida. Na primeira obra seguiremos sobretudo os devaneios ativos que nos convidam a agir sobre a matéria. No segundo, o devaneio fluirá ao longo de uma inclinação mais comum; seguirá essa *involução* que nos traz de volta aos primeiros refúgios, que valoriza todas as imagens da intimidade. *Grosso modo*, teremos então o díptico do trabalho e do repouso (BACHELARD, 1990 a, p. 7).

Porém, diz ele, “mas mal acabamos de fazer uma distinção tão nítida e cumpre lembrar que os devaneios de introversão e os devaneios de extroversão estão raramente isolados. Afinal, todas as imagens se desenvolvem entre dois pólos, vivem dialeticamente seduções do universo e certezas da intimidade” (p. 7). Como anunciado no início, o foco aqui é o telúrico enraizado na imaginação da terra pelas imagens que atraem, acolhem, resistem ou que se encontram na preposição *dentro*. Imagens de refúgio; imagens de profundidade; volta à mãe. Foco centrado na “A Terra e os Devaneios do Repouso - sobre as imagens da intimidade” (BACHELARD, 1990 b).

À luz desta leitura procura-se aprofundar o interior das coisas. Quer-se ver o invisível, apalpar o grão das substâncias. Valoriza extratos, tinturas. Vai ao *fundo* das coisas, como se aí devesse encontrar, numa imagem final, o **repouso de imaginar** (BACHELARD, 1990 b, p. 2). Todas as grandes forças humanas, mesmo quando se manifestam exteriormente, são imaginadas em uma intimidade. “A terra e os devaneios do repouso” se prende à imaginação da *intimidade da matéria*. “Se nos objetassem que a introversão e a extroversão devem ser designadas a partir do *sujeito*, responderíamos que a imaginação nada mais é senão o sujeito transportado às coisas. As imagens trazem a marca do sujeito” (BACHELARD, 1990 b, p. 2).

Toda matéria imaginada, toda matéria meditada, torna-se imediatamente a imagem de uma intimidade. [...] De uma substância ela faz imediatamente um valor. [...] As imagens materiais nos envolvem em uma afetividade mais profunda, por isso se enraízam nas camadas mais profundas do inconsciente. As imagens materiais substancializam um *interesse*. (BACHELARD, 1990 b, p. 3)

Essa substancialização condensa imagens numerosas, variadas, nascidas frequentemente em sensações tão distantes da realidade *presente* que parece que todo um universo sensível está em potencial *dentro* da matéria imaginada. Assim, Bachelard nos incita com a indagação: “Será de admirar então que a matéria nos atraia para as profundezas de sua pequenez, para o interior de sua semente, até o princípio de seus germes?” E ele mesmo defronta: “É por se ter tornado um centro de interesse que o centro da matéria entra no reino dos valores” (BACHELARD, 1990 b, p. 3). E mais adiante: “Veremos como as primeiras imagens completamente ingênuas e muito reais do interior das coisas, do embutimento das sementes, nos levam a sonhar com uma intimidade das substâncias” (BACHELARD, 1990b, p. 4).

É ao sonhar com essa intimidade que se sonha com o repouso do ser, com um repouso enraizado, um repouso que tem *intensidade* e que não é apenas essa imobilidade

inteiramente externa reinante entre coisas inertes. É sob a sedução desse repouso íntimo e intenso que algumas almas definem o ser pelo repouso, pela substância para definir o ser humano como emergência e dinamismo. Que alerta nos conduz o filósofo! Considerado em seus aspectos humanos, o repouso é dominado necessariamente por um psiquismo *involutivo*. O ensimesmamento nem sempre pode permanecer abstrato. Ele assume a feição do *enrolamento* em si mesmo, de um corpo que se torna objeto para si mesmo, que toca a si mesmo. Foi-nos possível, portanto, oferecer um conjunto de imagens dessa *involução*. Imagens do repouso, do refúgio, do enraizamento. Imagens que sugerem a um mesmo movimento em direção às fontes do repouso. “A casa, o ventre, a caverna, por exemplo, trazem a mesma grande marca da volta à mãe. (BACHELARD, 1990b, p. 4).

## A CASA E O HABITAR TELÚRICO

Onde encontrar maior sentido telúrico se não no sentido de *habitar oniricamente*? Quando se sabe dar a todas as *coisas* o seu peso justo de sonhos, *habitar oniricamente* é mais do que habitar pela lembrança, declara Bachelard.

A casa onírica é um tema mais profundo que a casa natal. Corresponde a uma necessidade mais remota. Se a casa natal põe em nós tais fundações, é porque responde a inspirações inconscientes mais profundas – mais íntimas – que o simples cuidado de proteção, que o primeiro calor conservado, que a primeira luz protegida. A casa da lembrança, a casa *natal*, é construída sobre a cripta da casa onírica. Na cripta encontra-se a raiz, o apego, a profundidade, o mergulho dos sonhos. (BACHELARD, 1990 b, p.77).

Que maravilhamento do habitar a casa enquanto imagem do mundo real. Sim, o que é mais real: a própria casa onde se dorme ou a casa para onde se vai, dormindo, fielmente sonhar? Eu não sonho em Paris, declara Bachelard, “neste cubo geométrico, neste alvéolo de cimento, neste quarto com venezianas de ferro tão hostis à matéria noturna. Quando os sonhos me são propícios, vou para longe, numa casa na Champagne, ou nalgumas casas onde se condensam os mistérios da felicidade” (BACHELARD, 1990 b, p. 76). Em sonhos projetamo-nos aos espaços felizes, louvados, sagrados, amados; aos lugares do aconchego. “*La Terre est éprouvée comme base. Non seulement point d’appui spatial et support matériel, mais condition de toute “a position” de l’existence, de toute action de poser et de reposer*” (DARDEL, 1952, p. 55).

*Dans notre relation première avec le monde, telle qu’elle se manifeste dans ce geste banal, em nous abandonnant ainsi “aux vertus protectrices du lieu”, nous signons un pacte secret avec la Terre, nous*

*exprimons par notre conduite même que notre subjectivité de sujet se retire sur ce terrain ferme, s’y pose ou mieux s’y << repose >>. C’est de ce “lieu”, base de notre existence., [...]. Il y a dans le lieu d’où la conscience se leve pour se tenir debout, face aux êtres et aux événements, quelque chose de si primitif que le << chez soi >>, le pays natal, le point d’attache, c’est, pour les hommes et les peuples, le lieu où ils dorment, la maison, la case, la tente, le village. Habiter une terre, c’est d’abord se confier par le sommeil à ce qui est, pour ainsi dire, au-dessous de nous: base où se replie notre subjectivité. (DARDEL, 1952, p. 55-56)*

Ao decifrar esta escrita geográfica de Dardel, para o qual, “*La Terre est une écriture à déciffrer, le dessin du rivage, les découpures de la montagne, les sinuosités des fleuves forment les signes de cette écriture. La connaissance géographique a pour objet de mettre en clair ces signes, ce que la Terre revele à l’homme sur sa condition humaine et son destin*” (DARDEL, 1952, p. 2), somos acordados para o sentido telúrico que ele escava no campo geográfico para melhor compreender a condição terrestre. “*L’espace géographique a um horizon, um modele, de la couleur, de la densité. Il est solide, liquide ou aérien, large ou étroit: il limite et il resiste*” (p. 2). O espaço geográfico não é somente superfície, alerta Dardel. “*L’expérience tellurique met en jeu à la fois, comme l’a si bien montré Gaston Bachelard, une esthétique du solide ou du pâteux et une certaine forme de la volonté ou de la rêverie.*”(p. 20). *Uma experiência e imediata “où nous éprouvons l’intimité matérielle de l’ << écorce terrestre >>, um enracinement, une sorte de **fondation** de la rélité géographique*” (p. 20).

Dardel traz um exemplo desta experiência primitiva de Emmanuel de Martonne,

*observateur précis et “objectif” dès paysages alpestres: “le longues pentes herbeuses dès schites, les crêtes de quartzites croulants, les solides assises granitiques, les massives murailles calcaires et les versants dolomitiques déchiquetés le (l’alpiniste) rendent facilement géologue “. Bien reprise par une réflexion scientifique, cette évocation laisse passer quelque chose de la rencontre première avec le tellurique. (DARDEL, 1952, p. 20).*

Neste percurso de leitura uma reveladora e instigante aproximação no diálogo do filósofo com o geógrafo: “*Poursuivant notre exploration des expressions géographiques, nous entrons, sur le voies de l’imaginaire, dans une géographie de rêve*” (DARDEL, 1952, p. 6). *Si la géographie offre à l’imagination et à la sensibilité, jusqu’en leurs envolées les plus libres, le secours des ses évocations terrestres, chargées de valeurs terrienes, marines ou atmosphériques, tout aussi spontanément l’expérience géographique. (DARDEL, 1952, p. 7).* E o diálogo se estreita ainda mais, expressando o imaginário terreno que liga filósofo e geógrafo. Vejamos:

*C'este tout naturellement que nous parlons de fleuves **majestueux** ou **capricieux**, de torrents **fougueux**, de plaines **riantes**, de relief **tourmenté**. Même décoloré par l'usage, ce vocabulaire affectif affirme que la Terre est appel ou confiance, que l'expérience du fleuve, de la montagne ou de la plaine est d'adord **qualifiante**, que l'appréhension intellectuelle et scientifique ne parvient pas à éteindre la valeur sous la notion.* (DARDEL, 1952, p. 7)

Neste clima de experiência afetiva com a Terra: “*Crainte, admiration, sympathie, nous participons encore, tout Modernes que nous soyons, par un accord ou un désaccord fondamental, au rythme du monde environnant. Entre l’Homme et la Terre, se noue et demeure une sorte de complicité dans l’être* (DARDEL, 1952, p. 7-8). Uma declaração de reencontro do Homem com a Terra. E o geógrafo ligado a Terra pela expressão da *géographicit * incita-nos: “*Qui dira l’ tonnement ou l’ merveillement d’ou naquit la vocation de tel g ographe?*” (p. 8). E assim, acordada   luz da imagina o geográfica se desperta o sonho telúrico de Bachelard especialmente, aos olhos dos devaneios do repouso. Então, encerro este curto percurso (de texto) que não visa o destino final mas, anúncio – de uma poética da terra!

## REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A  gua e os Sonhos** – a ensaio sobre a imagina o da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BACHELARD, Gaston. **A Terra e os Devaneios da Vontade** – ensaio sobre a imagina o das forças. São Paulo: Martins Fontes, 1990 a.
- BACHELARD, Gaston. **A Terra e os Devaneios do Repouso** – ensaio sobre as imagens da intimidade. São Paulo: Martins Fontes, 1990 b.
- BESSE, Jean-Marc. Géographie et existence d’apr s l’oeuvre d’Eric Dardel. In: DARDEL, Eric. **L’Homme et la Terre** – nature de la réalité géographique. Paris: CTHS, 1990, p. 135-176.
- BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra** – seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- DARDEL, Eric. **L’Homme et la Terre** – nature de la réalité géographique. Paris: PUF, 1952.
- DARDEL, Eric. **L’Homme et la Terre** – nature de la réalité géographique. Paris: CTHS, 1990.
- FELICIO, Vera Lúcia. **A Imagina o Simbólica nos Quatro Elementos Bachelardianos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.
- GRATÃO, Lúcia Helena B. **A Poética d’ “O RIO” – ARAGUAIA! De Cheias... & Vazantes... ( ) Luz da Imagina o!** 2002. Tese (Doutorado em Geografia), FFLCH – USP, São Paulo.